

## Saúde em uma sociedade midiaticizada

Especialista em análise do discurso, Antônio Fausto Neto é um dos principais nomes da pesquisa em comunicação no Brasil. Escreveu diversos livros, como *Cordel, a ideologia da punição* (1979), *O corpo falado: a doença e morte de Tancredo Neves nas revistas semanais brasileiras* (1988) e *Mortes em derrapagem: os casos Corona e Cazuza* (1991). Neste último, tratou da questão da Aids, tema a que voltaria a se dedicar entre 1996 e 1999. Nesse período, coordenou uma pesquisa sobre o assunto no âmbito da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde então lecionava. O trabalho – um levantamento detalhado de tudo o que se falou sobre a doença nos principais jornais do país – resultou no livro *Comunicação e mídia impressa* (1999). Antônio Fausto Neto, que atualmente é professor titular da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), falou para a *ECO-PÓS* sobre a pesquisa em comunicação e saúde no Brasil. Contou como vê o entrecruzamento desses dois campos do conhecimento e analisou as perspectivas dessa área de investigação.

*Ana Paula Goulart Ribeiro*

Quando e como você começou a trabalhar com o tema da comunicação e saúde?

Parte da minha formação universitária se desenvolveu em um programa de pesquisa no qual se tematizavam questões que envolviam as relações entre comunicação e saúde. Fiz o meu mestrado na Universidade de Brasília (UnB), que, no meu modo de ver, inaugurou no Brasil uma reflexão estratégica sobre o papel da comunicação no desenvolvimento das ações de práticas sociais como saúde, agricultura, educação etc. Na época, estas questões estavam envoltas numa problemática teórica chamada de “comunicação

para o desenvolvimento”, que examinava o papel da comunicação no que se chamava de “ação social organizada”. Apresentavam estas reflexões resquícios das correntes funcionalistas, pois, como se sabe, o programa da UnB foi pensado tendo como parâmetro teórico matrizes da comunicação que haviam sido elaboradas ainda no contexto das discussões da “comunicação das inovações”. Mas, na época, já formulava críticas sobre os limites deste modelo para explicar fenômenos comunicativos com que a *research communication* não estava preocupada. Tais inquietações fizeram do programa de pós-graduação da UnB uma proposta de estudos referida no funcionalismo, mas permeada por discussões muito interessantes e que favoreceram a chegada entre nós de outros pontos de vista, com seus próprios autores, trazendo os aportes críticos ao funcionalismo. Se estivéssemos fazendo a história da área da comunicação, poderíamos dizer que o programa de mestrado da UnB é, ao lado do da Universidade de São Paulo (USP), e do curso de graduação da Pontifícia Universidade Católica (PUC) de Belo Horizonte, antiga Universidade Católica de Minas Gerais (UCMG), os agentes inovadores deste processo, pois trouxeram para o Brasil autores – como Antonio Pasquali, Eliseo Verón, Manuel Calvelo Rios – que dinamizaram de modo irreversível as reflexões sobre a comunicação midiática e suas relações com outras práticas sociais. Tudo isso para dizer que nossas relações com os temas de estudos têm a ver com um cenário, o seu próprio, e o processo que se realiza. Este momento foi muito significativo para mim, pois estimulou estudos da comunicação aplicados a outras práticas sociais, mediante aportes teórico-metodológicos que se colocavam como avanços às leituras funcionalistas. No meu modo de ver, este momento precedeu e constituiu, ele mesmo, as bases dos estudos que vão relacionar o campo dos *media* com os demais campos sociais.

De modo pontual, foi o desenvolvimento destas questões, já nos anos 1980, trazidas ao Brasil pelas leituras dos textos de Adriano Rodrigues e Pierre Bourdieu, que nos levam a estudar, especificamente, as relações entre comunicação e saúde no contexto de uma preocupação mais abrangente. Tratava-se de examinar a incidência das estratégias e operações discursivas midiáticas sobre a organização e funcionamento de práticas sociais outras. Isso nos levou a pesquisar a relação da comunicação com a educação (estratégias de recepção da *TV Escola*), com a construção de novas práticas de religiosidade e com a prática de saúde. Isso me levou a estudar a “história midiática da Aids no Brasil”, que é um estudo que já toca numa questão emergente, que seria a dos processos de midiaticização pelos quais vão se engendrando como um dispositivo ampliado da

esfera pública. Também uma pesquisa desenvolvida no âmbito dos meus estudos de pós-doutoramento na UFRJ sobre a construção de uma certa modalidade de Aids, aquela semantizada pela “imprensa do coração”. Foram pesquisas já desenvolvidas num rico contexto institucional e acadêmico da pós-graduação. Tinha como referência a pós-graduação da ECO/UFRJ, onde estas idéias eram debatidas, e a Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), com sua abertura para estas discussões através dos seus grupos de trabalho e do seu diálogo com outras sociedades científicas, distinta de um estilo endógeno que tem marcado, hoje, a prática científica das instituições. Destaque-se o papel de apoio das agências científicas, como o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que financiaram estes estudos inaugurais, e o apreciável diálogo entre setores interinstitucionais, que fizeram a possibilidade da emergência destes estudos relacionais entre os campos da saúde e da comunicação.

Foi graças também a uma inédita experiência realizada no âmbito do Centro de Filosofia e Ciências e Humanas da UFRJ, o CFCH, algo que deveria se transformar num escritório de pesquisa e de projetos, e de convênios firmados com a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), que pesquisas de cunho aplicado foram por nós coordenadas, tendo como objeto práticas institucionais de saúde, como o Canal Saúde. Disso resultaram processos institucionalizados ou não, com fortes interações entre pesquisadores destas duas áreas e, com elas, outras iniciativas, como publicação de livros que acolheram textos que examinavam, em termos teóricos, a relação entre os dois campos. Estímulos foram criados para que pesquisadores com formação em saúde viessem aprimorar seus estudos em programas de comunicação. Ao mesmo tempo, outros com capacitação em comunicação assumiram postos de trabalho – ensino e pesquisa – em certos âmbitos restritos na área de saúde. Estes esforços repercutiram sobre espaços de trabalho da área de saúde como a Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (Abrasco) e, de modo especial, sobre núcleos e áreas de ensino e de pesquisa da Fiocruz, através de vários programas (cursos, pesquisas, consultorias etc.) e do que pode resultar, em futuro próximo, novas experiências de estudos de pós-graduação com esta marca de cruzamentos (teórico-metodológicos e temáticos) entre os dois campos. Impossível reconstituir meus passos com este tipo de trabalho, sem rememorar este amplo percurso que envolve também diferentes aspectos histórico-institucionais e científicos entre as duas áreas.

Como você avalia o entrecruzamento desse dois campos do conhecimento?

Não estou trabalhando diretamente, de modo contínuo, com problemáticas que envolvam estes dois campos, embora me faça presente em alguns eventos que envolvem esforços no sentido de avançar esta interação. Na minha opinião, existem alguns níveis de cruzamentos. Do ângulo institucional, há algumas políticas sobre as quais se assentam práticas (pesquisa, ensino etc.) envolvendo esforços e iniciativas para dar seqüência a estes processos. Confesso que isso é uma tarefa muito desafiadora, uma vez que o diálogo entre os campos – seja por seus pesquisadores e suas instituições científicas – se trava de modo lento. Não temos hábitos voltados para o trabalho da cooperação, salvo quando isso é impulsionado pela liderança ou competência, método válido, mas que reflete ausência de interações em cima de reconhecimentos que passem à margem de iniciativas de caráter pessoal. Entendo que as sociedades científicas dos campos poderiam intensificar estas possibilidades, mas observo também que suas práticas, aquelas em que pensam sobre o desenvolvimento dos seus objetivos e dos seus objetos, operam de modo muito endógeno, às vezes se voltando mais para suas motivações de caráter institucional do que os desafios científicos.

Do ângulo temático e estratégico, estes cruzamentos tendem a se intensificar e a solicitar novas formas de diálogo entre especialistas dos dois campos, na medida em que a emergência da midiaticização como uma ambiência, e a força dos seus processos, torna a questão da saúde um tema intensamente presente na esfera pública. Além disso, suas práticas de interação passam por protocolos midiáticos, o que requer capacitação dos seus quadros para tais fins. Também os agendamentos se tornam complexos na medida em que resultam cada vez mais de relações complexas entre fontes e os meios de comunicação. Ressaltem-se os desafios sobre a anunciabilidade de temas envolvendo a comunicação entre cientistas e a sociedade e também a necessidade de novos modos de ler mensagens – p.ex, aquelas de caráter publicitário, que envolvem a publicitação de novos temas, de medicamentos, doenças etc. Esta nova ambiência, a da midiaticização, gera processos intensos de afetação entre os campos, seus temas, seus problemas, seus pesquisadores e, principalmente, entre as lógicas e operações sobre as quais vão se instituir os vínculos entre seus atores e destes com os demais campos sociais. Acho que, principalmente, na pós-graduação, através dos trabalhos de mestrandos e de doutorandos, tenhamos registros sobre estes cruzamentos. Mas é preciso que estes materiais sejam disseminados, freqüentando os ambientes de discussões, os núcleos formuladores de políticas e aqueles outros onde se passam as rotinas dos centros e das práticas dos campos, para que isso

possa irrigar métodos e processos de construção de cenários e, principalmente, de possibilidades de interação.

**Como os procedimentos metodológicos da comunicação podem contribuir para o avanço das pesquisas no campo da saúde?**

Penso, particularmente, em dois níveis de interações: a primeira, de caráter interinstitucional, através de programas de pesquisas e de estudos que venham a ser induzidos através de expectativas que visem a inserção das questões comunicacionais midiáticas, como questão estratégica, no quadro de estudos e de pesquisa do âmbito da saúde. Apesar das especificidades dos programas de pós-graduação das duas áreas, iniciativas deveriam ser estimuladas nos formatos de laboratórios, reunindo interfaces das duas áreas visando o desenvolvimento de reflexões metodológicas de caráter comunicacional. A segunda, diz respeito a esforços político-administrativos e que pudessem envolver estudos e reflexões de fundo comunicacional com a presença de seus especialistas, em ambientes estratégicos nos quais se formulem e se desenvolvam políticas de saúde. Ou seja, na medida em que a midiaticização é um processo complexo e cada vez mais de fundo relacional, nenhuma prática social passa à margem desta realidade, ainda que a midiaticização lhes afete de modo distinto.

**Como as pesquisas da saúde podem contribuir para os estudos da comunicação?**

Penso que parte desta pergunta está contida na resposta anterior, mas acrescentaria que o campo da comunicação precisa ver sua interação com o da saúde de modo relacional, no sentido de que ele não se constitui numa espécie de “varinha mágica”, circunstância em que seus processos disseminadores assegurassem a chama da [?] produção da anunciabilidade e de sua transparência. Diversidade de disciplinas, de métodos, processos de intervenção, de formas de linguagens, do acesso diverso da sociedade na questão dos sem idos[??], especialmente àqueles do campo da saúde, servem, dentre outros aspectos, para cada vez mais se relativizar que o ato comunicativo não é um facilitador de situações, mas um multiplicador de desafios para a construção de soluções.

**Você identifica, hoje, alguma tendência teórica e metodológica nos estudos em comunicação e saúde?**

Não vejo propriamente uma tendência, mas vejo uma sinalização importante que envolve dois aspectos que podem se converter em desafios

específicos. Em primeiro lugar, de um lado, há necessidade de estudos que envolvam os pesquisadores entre os dois campos. Mas como reunir condições de comunicabilidade entre comunicólogos e especialistas em saúde voltados para a produção dos seus próprios objetos, de caráter relacional, e que contenham as incidências e ressonâncias de seus marcos epistemológicos e teóricos? Ou seja, os temas de saúde deixam de ser cada vez menos temas específicos, insulados por suas condições de produção e de suas próprias especificidades, para serem temas relacionais, sistêmicos, assim diria, o que, por si, em sua essência, reúne uma problemática de comunicação. Em segundo lugar, penso que as manifestações da sociedade sobre suas relações com as instâncias que cuidam das políticas, dos inventos, dos procedimentos em saúde requerem novos métodos, novas formas de escuta, que possam instaurar, de fato, uma cultura de avaliação que ultrapasse as motivações de estratégias mercadológicas. Estas realidades interacionais exigem um novo perfil de pesquisador, examinando e formulando novas possibilidades de interação entre produtores e receptores.

Na sua opinião, quais são as perspectivas para essa área de investigação?

As perspectivas dependem da capacidade das instituições universitárias, de pesquisa e de serviços de priorizarem a investigação, a formação de recursos e o desenvolvimento de experimentações como rotinas. Tais perspectivas, no fundo, envolvem também desafios. Neste caso, as culturas destes dois campos sociais precisam se autoperceber, necessariamente, em interação uma com a outra, o que nem sempre parece fácil, apesar de se falar muito em trans ou multidisciplinaridade.

Você, atualmente, está envolvido em alguma pesquisa nessa área?

No momento, não estou envolvido diretamente com uma pesquisa de minha responsabilidade, na área da saúde; colaboro, entretanto, com uma investigação que a Fiocruz está realizando sobre o Sistema Único de Saúde (SUS). Parece curioso, mas estou engajado com outro objeto de pesquisa, com recursos do CNPq, que examina as mudanças da noticiabilidade no Brasil. É algo que chama atenção para os processos discursivos através dos quais as mídias, apesar de viverem em ambientes fortemente interativos, desenvolvem cada vez mais “estratégias de produção de sentido”, segundo operações que chamam atenção para suas próprias referências. Estudar es-

tas estratégias é interessante, especialmente no momento em que as mídias parecem perder mais o controle sobre as operações de sentido realizadas pela esfera da recepção. O que significa, pois, falar mais de si mesmo num momento em que o outro – o receptor — inventa novas formas de lidar com a mídia, redesenhando, sobre os sentidos em ofertas, sentidos outros que resultam de suas novas estratégias de significação?

ANA PAULA GOULART RIBEIRO é professora da ECO/UFRJ e editora chefe da Revista ECO-PÓS.